

A INTERNET NOSSA DE CADA DIA

Ronaldo Queirós

Sociólogo e Professor da Rede
Estadual de São Paulo.

Certas coisas não existiam em nossas vidas. De repente, elas aparecem e passam a fazer parte de nosso cotidiano. Depois disso passamos a ter dificuldade de viver sem tais coisas. Alguns dias sem WhatsApp ou Facebook é quase que o fim da vida para muitas pessoas que, retirando os mais jovens que nasceram com essas coisas existindo, viveram quase toda sua história sem necessitar dessas redes sociais. A internet foi integrada na vida cotidiana, assim como outrora a televisão. Para estudos, trabalho, lazer, sociabilidade, a internet é a rainha.

Ninguém pode negar a importância da internet. Enquanto meio de comunicação, como repositório de materiais diversos (vídeos, filmes, textos, livros, informações), entre outras utilidades, a internet realmente se tornou importante. Ela tem um grande potencial informativo, comunicativo, social, político. Sem dúvida, ela também é usada para propósitos duvidosos e até nefastos, como difusão de ideologias, ações governamentais, interesses comerciais.

O grande problema da internet é que sua potencialidade raramente se efetiva. Ela reproduz a sociedade que a criou. Ela fica no nível do mercado, do *status*, criando um palco de competição e disputas sem sentido, inclusive algumas políticas. Indivíduos despreparados intelectualmente a usam como palco, por ter um “público” (que pode ser de um, meia dúzia, dezenas ou centenas), para desfilar seus lugares-comuns e se

Revista Posição

autodeclarar pensador profundo (e ainda receber elogios por sua suposta profundidade, “tão profunda quanto um pires”).

As disputas são polêmicas vazias e de repetições, ignorância, intolerância. No Facebook isso é mais comum. As polêmicas a pouco tempo atrás sobre impeachment ou golpe eram tão vazias e irracionais, bem como a geração de “donos da verdade” que resolveram excluir de seu círculo de amizades virtuais os que são amigos de Bolsonaro, que são “golpistas”, entre outras barbáries, que se esperava do outro lado e não desse lado, supostamente mais “culto”. Um mundo ignorante, onde anarquistas defendem propriedade privada, comunistas defendem mercado, intelectuais defendem governos que precarizam as universidades, entre outras barbaridades.

O reino da ignorância se manifesta mais ainda no cotidiano dessa rede social. Pessoas criticam o que não leram, apenas olhando o título (...). Outros não conseguem entender uma ironia. Outros leem e não entendem e comentam questionando o que já estava explicado no escrito. A maioria escreve totalmente errado, indo desde os erros simples e cotidianos até erros gravíssimos, mostrando semianalfabetismo (e mesmo assim com pose de pessoas muito inteligentes). Pior de tudo: existem aqueles que pegam sites de notícias falsas e reproduzem pensando que se trata de verdade! Assim, desde as diversas renúncias de Dilma e Temer, até expulsão do Papa do Vaticano, temos um festival de ignorância.

Claro, há os que usam as redes sociais, especialmente o Facebook, para contar sua vida cotidiana. Tomei café com leite. Almocei macarronada. Tomei chá da tarde. Jantei um bife acebolado. Minha mãe veio me visitar. Olha o meu cachorrinho! E fotos, muitas fotos. Algumas mulheres postando “fotos ousadas”. Outras mulheres, feministas, não falam nada sobre isso, mas não deixam de falar do “esquerdomacho” em algum grupo de discussão. Claro, o problema é só do homem. A internet invadiu a vida cotidiana e a vida cotidiana invadiu a internet. Essa cotidianidade, no entanto, é da vida burguesa. Fotos para aparecer, mostrar uma suposta felicidade ou sucesso inexistentes

Revista Posição

na realidade, pois a noite, entre as quatro paredes, a solidão, a infelicidade, o vazio, tomam conta.

A aparente felicidade virtual serve como ilusão e consolo. As fotos de algumas mulheres mostram beleza (desde as seminuas até as que mostram apenas um “rostinho bonito”), as fotos de alguns homens mostram músculos, festas e bebidas, entre outros símbolos de suposto sucesso. A falta de relações sociais autênticas, verdadeiras, honestas, são compensadas por relações virtuais, embora o expositor de sua vida privada e cotidiana não saiba se do outro lado estão rindo, invejando, ironizando, entre outras possibilidades.

Assim, o potencial da internet (e das redes sociais) se perde. O quanto não se poderia aprender através desse meio de comunicação? Se no Facebook, o festival de vaidades, invejas e egos (ou “superegos”) cedessem para um pouco de realismo, humildade, se poderia aprender com aqueles que realmente possuem um saber mais profundo para compartilhar e assim crescer com ele e colaborar com a reprodução do saber em escala ampliada. Se as pessoas, incluindo os universitários que mal dão conta de fazer uma síntese de um autor numa prova e se julgam “grandes sábios” e aqueles que leram apenas um livro na vida e acham que “sabem tudo”, estivesse mais abertos para aprender, ouvir, debater, expor suas opiniões sabendo que elas são exatamente isso (meras opiniões, sem fundamentação), o processo de aprendizagem via internet seria excepcional, muito superior a qualquer escola.

A escola, no entanto, institui as autoridades (os professores) e relações sociais (de poder, institucionalizadas) e por isso o neófito não pode desafiar os mestres e doutores. Isso é problemático em certos aspectos e momentos, mas pelo menos não abole a diferença de experiência, leitura, formação. Na internet, isso não existe e, portanto, o aluno que leu cinco livros em sua vida e toma um deles como sua “bíblia sagrada” quer polemizar e se dizer superior (sem o provar efetivamente no debate, apenas se autodeclarando e repetindo as mesmas coisas sem fundamentá-las ou responder os questionamentos e refutar as afirmações) ao professor que leu milhares de

livros. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Nem uma separação entre os que sabem e os que não sabem, nem um fazer de conta que todos sabem. Nem a forma escolar que cria a divisão entre os doutos e os ignorantes, nem a forma virtual chamada internet, que cria uma noite na qual “todos os gatos são pardos”.

O potencial político da internet também não se concretiza. Um fantástico meio de comunicação que poderia formar, politizar, aglutinar, milhões de pessoas, poderia até efetivar uma das frases mais famosas da história (“proletários de todo o mundo, unidos”), acaba se tornando uma torre de babel. Basta ver quantos grupos de discussão sobre anarquismo existem no facebook para se ter uma ideia sobre isso. Quanto anarquistas existem no Brasil? Parece que tem mais grupos de discussão sobre anarquismo no facebook do que anarquistas efetivamente. A não ser que sejam anarquistas apenas virtuais. “Na internet sou anarquista, na vida real sou um bom cidadão... voto na esquerda...”. Sim, na internet podemos ver anarquistas defendendo governos e votos.

A internet reproduz a política realmente existente. Os mais poderosos, os dominantes, e os mais pobres, reproduzem o que se passa nos meios de comunicação, especialmente a televisão. Os primeiros, por estar de acordo com seus interesses, os outros por serem ludibriados. Isso é a maioria. Um segundo grupo forte é o da “esquerda”, essa coisa que junta desde anarquistas (eleitorais ou não) até governistas (hoje, ex-governistas). Junta *outsiders* e a dezena de partidos que se dizem de esquerda e os meios universitários. Seus meios de comunicação, seus blogs, e tudo o mais. Eles são uma “bolha” dentro da sociedade e também da internet, embora, por só verem o espelho, como bons narcisistas que são, acham que são a maioria. Por fim, um último grupo, que pode ser subdividido em uns três subgrupos. Uns são mais coerentes e críticos, com maior formação intelectual ou pelo menos com maior honestidade intelectual e política, mas são diminutos quantitativamente. Outros são bem intencionados, mas padecem dos males do mundo virtual e os reproduzem, muitas vezes se aproximando e fazendo parte da “bolha” do segundo grupo. Por último, a maioria

Revista Posição

desse grupo, um subgrupo composto pelos que ficam alheios e que pouco se manifestam.

A internet tem potencial, mas ele foi abortado. Ela tomou conta do cotidiano e o cotidiano tomou conta dela. Esse cotidiano é o de uma sociedade desumana, superficial, narcisista. Mesmo os supostos opositores, até os mais nobres e mais decididos (não esquecendo, evidentemente, as exceções), não escapam disso. Sem dúvida, a sociedade tem no seu interior aqueles que lutam por transformação social, por uma formação intelectual mais abrangente e verdadeira, entre outras coisas e isso aparece na internet. Só que é tanto material e tanta informação, como no mundo real, que as pessoas, para acharem o que realmente presta, já precisa de uma certa formação. Por isso a internet reduz a real contestação a guetos, com o faz na sociedade. Além de milhares de mercadorias, informações, temos milhares de grupos políticos, revistas, blogs. A quantidade ofusca a qualidade. E assim continuamos vivendo, com a internet nossa de cada dia.